

AS MULHERES DE CAMILO

O Dia da Mulher (8 de março) é o pretexto ideal para relembrarmos a mulher camiliana, essa personagem que desapareceu das escolas portuguesas, juntamente com a restante galeria de Camilo Castelo Branco. Cortesia dos pedagogos do Ministério da Educação

Sobre Eça de Queirós, António Alçada Baptista chegou a dizer o seguinte: “Eça escrevia tão bem que a gente não se dá conta de que os seus livros são maus.” Com o passar do tempo, Alçada lá se reconciliou com Eça, mas uma farpa intransponível ficou no caminho: a forma como Eça encarava a mulher. E Alçada, convenhamos, tinha razão neste ponto. É que Eça seguiu à risca a máxima mui progressista de Proudhon: “A mulher só pode ser dona de casa ou cortesã.” Eça era mesmo um bocadinho *ayatollah* na questão feminina. Na sua obra, a mulher é um mero epifenómeno que aparece para desorientar as personagens masculinas. É por isso que há a irmã incestuosa da Toca. É por isso que há a galdéria que besunta o padre com a maionese da tentação. Maria Eduarda e Amélia não são bem personagens: são tufos ao sabor de um vento que as transforma em cavaleiras do Apocalipse ao serviço da alcova. São coisas sem vontade própria. Nós não damos por esta fraqueza, vá, dramatúrgica, porque Eça escrevia como escrevia. Mas, seja como for, Alçada Baptista não andava muito longe da verdade quando dizia que “a mulher atingiu, em Eça de Queirós, o seu ponto mais baixo”. Pior que Eça só mesmo a literatura neorrealista, que pintava a mulher como alguém que insinua um desejo sexual inapropriado ao extenuado herói antifascista, que, coitadinho, não podia queimar calorias com coisas menores.

É neste quadro que a mulher camiliana merece ser reconsiderada. Camilo Castelo Branco não fazia — atenção — uma apologia explícita do feminino. Não era um feminista como Alçada. Mas Howard Hawks também não era um feminista e, mesmo assim, criou o conceito mais feminino do cinema: a mulher hawksiana, a tigresa que rasga a pose de dondoca, que recusa o papel de acessório e que assu-

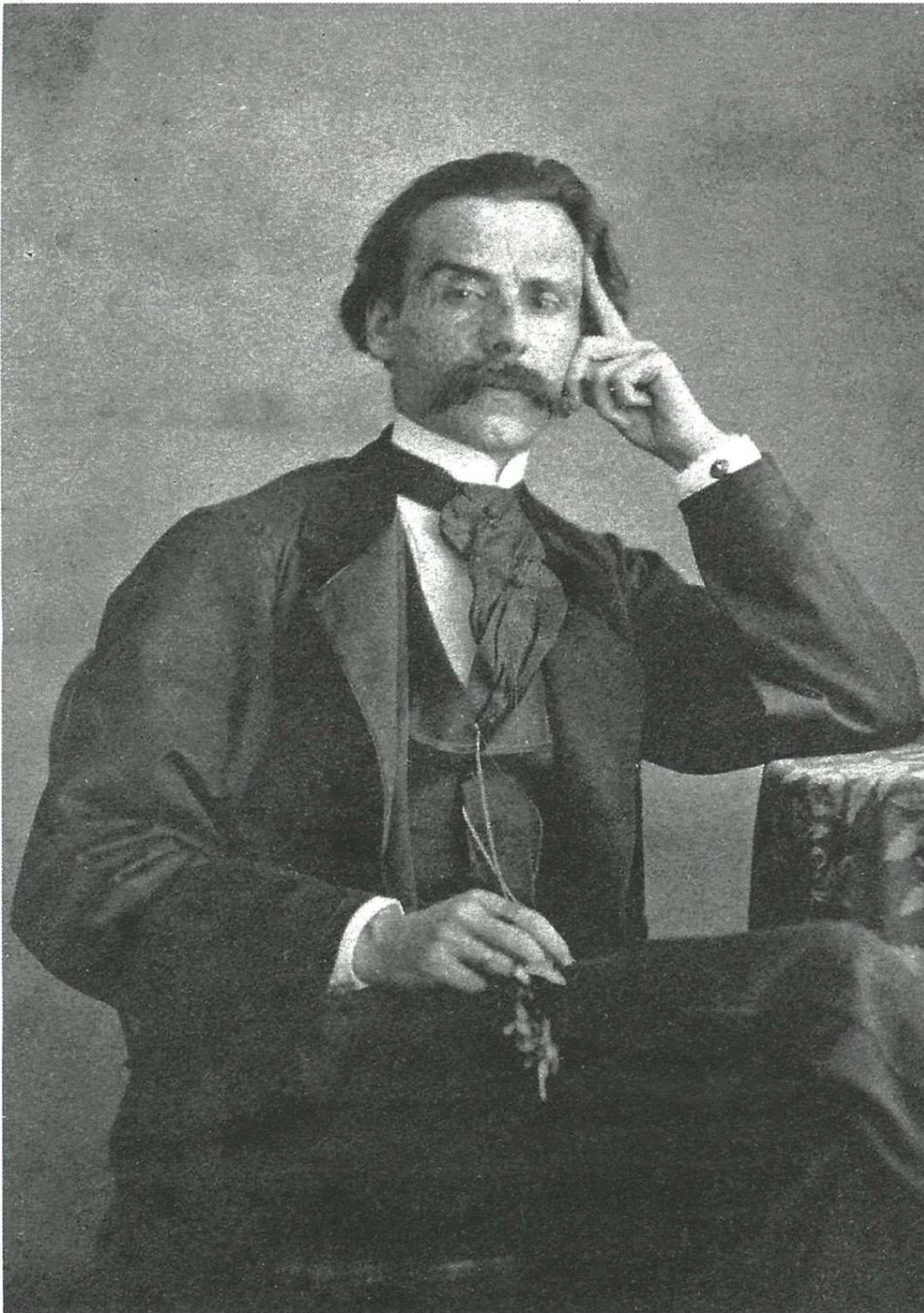
me a sua própria vontade, entrando em rutura com o mundo dos homens. E, apesar de ser forte, a mulher hawksiana não é uma levantadora de pesos da RDA. Não há aqui músculo e buço. Ela é bonita e feminina. É por isso que a sua presença é tão subversiva para os códigos masculinos. No Minho de Camilo não existiam mulheres tão desarmantes como Lauren Bacall ou Angie Dickinson, mas a mulher camiliana faz lembrar a mulher hawksiana. Aliás, atrevemo-nos a dizer que este é o grande pilar dramático da obra de Camilo: a mulher que, por amor, resiste aos desmandos patriarcais da sociedade; a mulher que recusa obedecer ao pai ou ao marido; a mulher que assume uma vontade amorosa revolucionária. Esta violência amorosa é mesmo a arma que a heroína camiliana usa contra a violência moral e física que era exercida sobre as mulheres em nome do bom nome familiar e patriarcal.

Convém notar que a violência sobre as mulheres ainda é uma marca portuguesa. As elites queirosianas têm problemas em olhar para debaixo do tapete onde está acumulada a violência camiliana, mas essa violência está lá: 50 mulheres assassinadas por ano às mãos dos maridos. Ora, no tempo de Camilo, essa violência devia ser ainda mais intensa. O Portugal de Camilo não tinha o torpor leve e gozável do Passeio Público. O Portugal camiliano era pesado e cruel. Estamos a falar de uma sociedade embrutecida por meio século de invasões, guerras civis, guerrilhas e bandidagem. Este era o país onde uma “contenda de propriedade” gerava tiros e mortos, esta era a nação dominada por quadrilhas de bandidos, esta era a sociedade onde um bebé ilegítimo era colocado na manjedoura dos porcos (“Novelas do Minho”). Este era o país onde guerrilhas miguelistas acreditavam no regresso de D. Miguel, qual D. Sebastião reencarnado; este era o sítio onde as serras estavam juncadas de cadáveres (“Brasileira de Prazins”). Esta era a terra de freirás violadas por franceses e de uma guerra civil entre malhados e padrecos (“Bruxa de Monte Córdova”). Enfim, este era um

AUTOR



Henrique Raposo
Colunista do Expresso



A PEDAGOGIA MINISTERIAL
RETIROU A TRAGÉDIA
CAMILIANA DOS PROGRAMAS
DE PORTUGUÊS DAS ESCOLAS

Camilo Castelo Branco não fazia uma apologia explícita do feminino. Não era um feminista como Alçada. Mas Howard Hawks também não era um feminista e, mesmo assim, criou o conceito mais feminino do cinema

IDEIAS & DEBATES

No prefácio de “Amor de Perdição”, Vasco Pulido Valente diz que o centro do livro é Simão, porque “a violência de Simão destrói o mundo”. Sim, é verdade. Mas é o amor de Teresa que abre as portas a essa violência. Mais: é o carinho de Mariana que ampara Simão. Sem Teresa e Mariana, a violência de Simão não tinha por onde passar; seria uma água pantanosa, sem direção

Portugal sem misericórdia onde apenas se respeitava a força. E esta natureza violenta descia (e desce) sobre as mulheres com a naturalidade do pôr do sol.

Camilo não era um escritor ideológico, não queria impor uma agenda, não queria melhorar o país. Aliás, o bardo de Seide termina o seu melhor romance, “Brasileira de Prazins”, com uma frase elucidativa a este respeito: “O meu romance não pretende reorganizar coisa nenhuma.” Porém, como qualquer romancista, Camilo tinha uma visão crítica sobre os códigos morais da sociedade. E no cen-

tro da crítica de Camilo está — parece-nos — a forma como a mulher era tratada. Diríamos até que Camilo tem várias costelas stendhalianas. O que queremos dizer com isto? Se não estamos em erro, Simone de Beauvoir afirmou que Stendhal foi o primeiro romancista a projetar as suas opiniões através de personagens femininas. À sua maneira, Camilo foi o nosso Stendhal.

No prefácio de “Amor de Perdição” (edição Alêtheia), Vasco Pulido Valente diz que o centro do livro é Simão, porque “a violência de Simão destrói o mundo”. Sim, é verdade. Mas é o amor de Teresa que abre as portas a essa violência. Mais: é o carinho de Mariana que ampara Simão. Sem Teresa e Mariana, a violência de Simão não tinha por onde passar; seria uma água pantanosa, sem direção. O amor incondicional daquelas mulheres é a verdadeira antecâmara da tragédia. Aliás, o amor da mulher camiliana, excessivo, terminal e consciente, é a grande descarga elétrica de toda a obra de Camilo. Se já era perceptível em “Amor de Perdição” (o disco mais pedido), esta marca feminina de Camilo torna-se evidente nos seus melhores romances.

“Bruxa de Monte Córdova” é um “Crime do Padre Amaro” com gente de barba rija. Angélica ama Tomás, mas ele é forçado a entrar no clero. Com toda a naturalidade, o apelo de Angélica é mais forte do que o chamamento do Altíssimo: Tomás sai do seminário, alista-se nos exércitos liberais e passa a viver com Angélica. Nasce um bastardo, que não vai para a manjedoura. Entretanto, Tomás morre em combate. Consequências para Angélica? Depois de ter assumido uma vida paralela com um oficial-que-era-padre, Angélica suporta agora um degredo familiar e social, acabando por se transformar na mendiga com fama de santinha (a bruxa). Mais tarde, o bastardo regressa do Brasil devidamente rico, e esse é o início da redenção para a nossa bruxinha, que aguentou tudo em nome da paixão. Em “Os Brilhantes do Brasileiro”, Ângela é remetida à prisão do convento, porque a honra do noivo estava em causa. Porquê? Porque Ângela vendeu o presente de noivado (os diamantes) para financiar o curso do seu apaixonado pobretanas, Francisco. Como dizia alguém a Ângela, “bem sabê que a honra d’um homem... Seu marido tem de dar contas à sociedade”. Em “Brasileira de Prazins” (1882), Camilo volta ao final abrasivo de “Amor de Perdição” (1862). Até apetece dizer que “Brasileira de Prazins” é o “Amor de Perdição” mas em bom, quer na técnica narrativa, quer na substância dramática, quer no fresco social e histórico. E, mais uma vez, a ação gira em torno de uma mulher, Marta, que seca tudo à sua volta depois de ver o seu amor negado pelos códigos patriarcais.

Ao estar refém do cinismo típico do nosso tempo, o leitor de hoje olhará para estas tragédias e redensões amorosas com um desdém pós-moderninho. E talvez seja esta a razão que conduziu a pedagogia ministerial a retirar a tragédia camiliana dos programas de português das escolas. Já ninguém acredita que o amor de uma mulher é uma descarga elétrica mortal. É demasiado *démodé* e pouco queiro-siano, não é verdade? **A**